



**PREPARANDO A TRAJETÓRIA DA INCLUSÃO ESCOLAR: RESTAURANDO O ENSINO-
 APRENDIZAGEM AOS ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN**

**PREPARING THE PATH FOR SCHOOL INCLUSION: RESTORING TEACHING-LEARNING FOR
 STUDENTS WITH DOWN SYNDROME**

**PREPARANDO LA TRAYECTORIA DE LA INCLUSIÓN ESCOLAR: RESTITUYENDO LA
 ENSEÑANZA Y EL APRENDIZAJE A LOS ESTUDIANTES CON SÍNDROME DE DOWN**

Keila Cristina de Paiva Silva¹, Ludmilla Lamartine de Souza², Maria Andréia Gonçalves¹, Layla Daiane de Jesus Malheiros¹, Flávia Fabiane Fernandes Senário³, Rodrigo Brito Sales¹, Telma Maria Pires⁴

e565397

<https://doi.org/10.47820/recima21.v5i6.5397>

PUBLICADO: 06/2024

RESUMO

É essencial direcionar que Síndrome de Down não necessita ser distinguida como uma doença, entretanto, sim, uma alteração genética que acontece em três períodos: translocação, trissomia simples e mosaico. Este trabalho objetiva identificar as principais situações apresentadas por uma pessoa com síndrome, relacionando seu desenvolvimento e seus estímulos, relacionando sua trajetória na Inclusão Escolar e sua importância frente ao processo ensino-aprendizagem aos alunos com síndrome de Down. Desse modo, esta pesquisa descreve sobre o valor no apontamento de probabilidades de técnicas pedagógicas inclusivas, promovendo a equidade e o crescimento da autonomia dos educandos com síndrome de Down. Nessa perspectiva, adotou-se uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa descritiva. Os resultados indicaram para a necessidade de aquisições na formação continuada de educadores para a promoção no desenvolvimento das habilidades dos alunos com síndrome de Down. Enfim, os achados sublinham que o intercâmbio entre o setor educacional e a sala de aula fortalecem os procedimentos de inclusão escolar, assim, necessita-se também apoio individualizado e com o grupo educativo para estimular uma socialização, para que apresente uma vida saudável psicologicamente e fisicamente.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão Escolar. Ensino-aprendizagem. Síndrome de Down.

ABSTRACT

It is essential to understand that Down syndrome should not be distinguished as a disease but rather as a genetic alteration that occurs in three forms: simple trisomy, translocation, and mosaicism. This study aims to identify the main situations faced by a person with the syndrome, relating to their development and stimuli, and their journey in School Inclusion and its importance in the teaching-learning process for students with Down syndrome. Thus, this research highlights the value of pointing out possibilities for inclusive pedagogical techniques, promoting equity, and increasing the autonomy of students with Down syndrome. From this perspective, a bibliographic research with a descriptive qualitative approach was adopted. The results indicated the need for ongoing teacher training to promote the development of skills in students with Down syndrome. Finally, the findings emphasize that the interaction between the educational sector and the classroom strengthens school inclusion procedures. Therefore, individualized support and group support are also needed to encourage socialization, fostering a psychologically and physically healthy life.

KEYWORDS: School Inclusion. Teaching-learning. Down Syndrome.

RESUMEN

Es fundamental señalar que el Síndrome de Down no necesita ser distinguido como una enfermedad, sino como una alteración genética que ocurre en tres períodos: translocación, trisomía 21 libre simple y mosaico. Este trabajo tiene como objetivo identificar las principales situaciones presentadas por una

¹ Fundação Universitária Iberoamericana – FUNIBER.

² Prefeitura Municipal de Contagem.

³ Escola Municipal Egídio Cordeiro Aquino.

⁴ Universidad Internacional Iberoamericana (UNINI-México).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

PREPARANDO A TRAJETÓRIA DA INCLUSÃO ESCOLAR: RESTAURANDO O ENSINO-APRENDIZAGEM AOS ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN
Keila Cristina de Paiva Silva, Ludmilla Lamartine de Souza, Maria Andréia Gonçalves, Layla Daiane de Jesus Malheiros, Flávia Fabiane Fernandes Senário, Rodrigo Brito Sales, Telma Maria Pires

persona con el síndrome, relacionando su desarrollo y sus estímulos a su trayectoria en la Inclusión Escolar y su importancia frente al proceso de enseñanza-aprendizaje de los alumnos con el Síndrome de Down. De este modo, esta investigación describe el valor en el señalamiento de probabilidades de técnicas pedagógicas inclusivas, promoviendo la equidad y el aumento de la autonomía de los estudiantes con Síndrome de Down. En esta perspectiva, se adoptó una investigación bibliográfica con un enfoque cualitativo descriptivo. Los resultados indicaron la necesidad de mejoramiento en la formación continua de los educadores para la promoción en el desarrollo de las habilidades de los alumnos con Síndrome de Down. Finalmente, los hallazgos enfatizan que el intercambio entre el sector educativo y la sala de clases fortalece los procesos de inclusión escolar, por lo que también se necesita apoyo individualizado y con el grupo educativo para estimular la socialización, de modo que presenten una vida saludable psicológica y físicamente.

PALABRAS CLAVE: *Inclusión Escolar. Enseñanza-aprendizaje. Síndrome de Down.*

INTRODUÇÃO

A síndrome de Down é um distúrbio genético causado pela presença de um cromossomo a mais, o par 21. Isso resulta em características físicas distintas, como olhos amendoados, baixa estatura e prega palmar única. Além disso, a síndrome de Down também está associada a características cognitivas específicas, como atraso no desenvolvimento intelectual e dificuldades de aprendizagem em algumas áreas.

É muito importante abordar o tema da Síndrome de Down em um artigo, pois se trata de uma condição genética que impacta significativamente a vida das pessoas e suas famílias. Nesse sentido, abordou a problemática de pesquisa em investigar a inclusão e os avanços com intervenções na aprendizagem para melhorar a qualidade de vida e inclusão social das pessoas com Síndrome de Down. A justificativa para esse estudo seria contribuir para o desenvolvimento de práticas mais eficazes e empáticas no cuidado desses indivíduos, promovendo assim uma sociedade mais inclusiva e consciente da diversidade humana.

Para tanto, objetivamos identificar as principais situações apresentadas por uma pessoa com síndrome, relacionando seu desenvolvimento e seus estímulos, relacionando sua trajetória na Inclusão Escolar e sua importância frente ao processo ensino-aprendizagem aos alunos com Síndrome de Down.

Os objetivos específicos da pesquisa para preparar a trajetória da inclusão escolar e restaurar o ensino visando à aprendizagem dos alunos com Síndrome de Down, foram analisar as condições físicas comuns em pessoas com Síndrome de Down, reconhecendo as atividades e estratégias que promovam o desenvolvimento da fala, compreensão e comunicação verbal e não verbal. Proporcionar oportunidades para interação social positiva, colaboração em grupo e construção de amizades entre os alunos com Síndrome de Down e seus colegas. Estabelecer metas progressivas para incentivar a independência nas atividades do dia a dia, como se vestir, alimentar-se e organizar materiais escolares. Personalizar o plano educacional conforme as necessidades individuais de cada aluno com Síndrome de Down, garantindo acesso ao conhecimento de forma adaptada. Incorporar ferramentas educacionais variadas, como jogos educativos, material visual e



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

PREPARANDO A TRAJETÓRIA DA INCLUSÃO ESCOLAR: RESTAURANDO O ENSINO-APRENDIZAGEM AOS ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN
Keila Cristina de Paiva Silva, Ludmilla Lamartine de Souza, Maria Andréia Gonçalves, Layla Daiane de Jesus Malheiros, Flávia Fabiane Fernandes Senário, Rodrigo Brito Sales, Telma Maria Pires

tecnologias assistivas para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem. Identificar o percurso histórico das deficiências físicas ou intelectuais. Realizar avaliações periódicas para acompanhar o desenvolvimento acadêmico dos alunos com Síndrome de Down, identificar desafios e ajustar estratégias conforme necessário.

Este estudo pode oferecer contribuições significativas para o desenvolvimento educacional dos alunos, considerando não apenas a aprendizagem, mas também a contínua progressão desses alunos em conquistar seu espaço no contexto social. Isso inclui a afirmação de suas presenças e o sucesso educacional tanto em instituições de ensino especializadas quanto regulares. Além disso, o estudo pode promover uma reflexão sobre a necessidade de formação continuada, destacando-a como um elemento categórico para o aprimoramento da prática pedagógica e o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos.

1. SÍNDROME DE DOWN: ALTERAÇÃO GENÉTICA

Marques (2023) menciona que Síndrome de Down e "Mongolismo" são os nomes dados à mesma condição. No entanto, o termo "Mongolismo" é considerado inadequado e pejorativo, portanto, deve ser evitado. O termo mais apropriado e atual é Síndrome de Down ou Trissomia. Qualquer pessoa pode ter um filho com Síndrome de Down, independentemente de raça ou condição socioeconômica. No Brasil, acreditam-se que ocorra um caso a cada 600 nascimentos, o que significa que aproximadamente 8.000 bebês com Síndrome de Down nascem todos os anos.

De acordo com Souto *et al.*, (2024) é importante ressaltar que a Síndrome de Down não é uma doença, mas sim uma alteração genética que ocorre durante a formação do bebê. Todos os seres humanos são formados por células, e essas células contêm estruturas chamadas cromossomos no seu centro. Esses cromossomos determinam as características de cada indivíduo, como cor do cabelo, cor da pele e altura, entre outras. Normalmente, as células humanas têm 46 cromossomos, 23 herdados do pai e 23 da mãe. No caso da Síndrome de Down, há um erro na distribuição dos cromossomos, fazendo com que as células recebam 47 cromossomos, com um cromossomo extra no par 21. Por isso, a Síndrome de Down também é chamada de Trissomia do 21.

Siegfried Pueschel (1995) menciona, algumas das condições físicas comuns em pessoas com Síndrome de Down incluem olhos amendoados, prega palmar transversal única (prega simiesca), dedos curtos, fissuras palpebrais oblíquas, ponte nasal achatada, língua protrusão (devido à pequena cavidade oral), pescoço curto, pontos brancos nas íris conhecidos como manchas de Brushfield, flexibilidade excessiva nas articulações, defeitos cardíacos congênitos e espaço excessivo entre o hálux e o segundo dedo do pé.

A Síndrome de Down foi identificada pela primeira vez em 1958, pelo geneticista francês Jérôme Lejeune, que dedicou sua vida à pesquisa genética para melhorar a qualidade de vida das pessoas com Trissomia do 21. Há três tipos de Trissomia 21: Trissomia 21 simples (ou padrão), mosaico e Translocação. A Trissomia 21 simples ocorre em 95% dos casos, com todas as células



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

PREPARANDO A TRAJETÓRIA DA INCLUSÃO ESCOLAR: RESTAURANDO O ENSINO-APRENDIZAGEM
AOS ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN
Keila Cristina de Paiva Silva, Ludmilla Lamartine de Souza, Maria Andréia Gonçalves, Layla Daiane de Jesus Malheiros,
Flávia Fabiane Fernandes Senário, Rodrigo Brito Sales, Telma Maria Pires

apresentando 47 cromossomos. No caso do Mosaico, ocorre em 2% dos casos, com a alteração genética afetando apenas parte das células, enquanto a Translocação ocorre em 3% dos casos, onde o cromossomo a mais do par 21 fica “colado” em outro cromossomo.

Souto *et al.*, (2024) mencionam que, até o momento, a causa desta alteração genética ainda é desconhecida, mas sabe-se que não há relação com a responsabilidade do pai ou da mãe. Alguns problemas que podem ter ocorrido durante a gestação como estresse, uso de drogas, medicamentos ou quedas, não são a causa da síndrome, pois alteração genética já está presente desde o momento de união do espermatozoide com o óvulo.

Indivíduos com Síndrome de Down apresentam características típicas, como: cabelo liso e fino, olhos com linha ascendente e dobras de pele nos cantos internos (semelhantes aos orientais), nariz pequeno e achatado, rosto redondo, orelhas pequenas, baixa estatura, pescoço curto e grosso, flacidez muscular, mãos pequenas com dedos curtos e prega palmar única.

Quando um médico identifica características físicas específicas em um bebê, ele pode suspeitar da Síndrome de Down e solicitar o exame de cariótipo para confirmar ou descartar a condição. Os bebês com Síndrome de Down apresentam um desenvolvimento mais lento em comparação com outras crianças e necessitam de estimulação constante desde o nascimento para alcançar seu potencial máximo.

2. DEFICIÊNCIAS FÍSICAS OU INTELECTUAIS: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS

Ao longo da história, crianças com deficiências físicas ou intelectuais foram tratadas de maneiras distintas, muitas vezes influenciadas por preconceitos. Durante a Idade Média, essas crianças eram consideradas demoníacas e bruxas, ou anjos vindos do céu.

Foi apenas no final do século XVIII que as pesquisas sobre deficiências tomaram impulso. Em 1866, John Langdon Down caracterizou pela primeira vez os indivíduos com a síndrome que hoje leva seu nome, distinguindo-os de outras crianças com deficiência mental. Down notou traços orientais nos rostos das crianças afetadas, o que o levou a chamar a condição de "mongolismo". Hoje sabemos que essa característica não está relacionada à raça, e sim a uma mutação genética.

Em 1959, o médico francês Jérôme Lejeune foi o primeiro a associar a Síndrome de Down a uma causa genética, ao descobrir que as células dos indivíduos afetados possuíam 47 cromossomos em vez dos 46 esperados. Lejeune encontrou três cromossomos 21 em cada célula, denominando a condição como "trissomia 21". Além da trissomia 21, existem outras causas cromossômicas para a Síndrome de Down, como a translocação e o mosaicismo, que ocorrem em menor número de casos e ainda são pouco conhecidas.

Siegfried Puschel (1995) menciona que o mosaicismo ocorre em menos de 1% dos portadores da síndrome e resulta de uma divisão celular imperfeita nas primeiras divisões celulares após a fertilização. Quando isso acontece durante a segunda ou terceira divisão celular, nem todas as células do embrião terão o cromossomo extra, resultando em algumas células com 47



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

PREPARANDO A TRAJETÓRIA DA INCLUSÃO ESCOLAR: RESTAURANDO O ENSINO-APRENDIZAGEM AOS ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN
Keila Cristina de Paiva Silva, Ludmilla Lamartine de Souza, Maria Andréia Gonçalves, Layla Daiane de Jesus Malheiros, Flávia Fabiane Fernandes Senário, Rodrigo Brito Sales, Telma Maria Pires

cromossomos e outras com 46. Esses indivíduos tendem a ter menos características físicas da síndrome e maior capacidade intelectual.

Embora haja semelhanças físicas entre indivíduos com Síndrome de Down, é importante lembrar que as características genéticas familiares são o que os define, fazendo com que se pareça com seus pais e irmãos.

Lima (2016) destaca que as crianças com Síndrome de Down enfrentam desvantagens variáveis em comparação com crianças sem a síndrome. A maioria das crianças com Síndrome de Down apresenta um leve retardo mental, com escores de QI tipicamente 10-30 pontos maiores em casos de Síndrome de Down do tipo mosaico. Além disso, essas crianças podem apresentar anomalias em qualquer sistema corporal.

Souto *et al.*, (2024) relataram que a microcefalia, um tamanho e peso reduzidos do cérebro, é uma característica comum que pode afetar o progresso na aprendizagem, juntamente com doenças e deficiências motoras, como doenças infecciosas recorrentes, problemas cardíacos, problemas de visão (miopia, astigmatismo ou estrabismo) e de audição.

Segundo Vygotsky (2001), o cérebro é um sistema aberto, e o desenvolvimento individual depende das interações com o ambiente, o que é crucial para promover o desenvolvimento integral. Esse ambiente inclui não apenas o ambiente físico, mas também o social, onde as pessoas estão inseridas. Quando estimuladas a conviver e aprender, elas têm acesso a uma diversidade de situações de aprendizagem.

Fonseca (1987) enfatiza a importância da interação entre indivíduos e objetos para o desenvolvimento integral, especialmente em crianças diagnosticadas com deficiência mental. Os estímulos mencionados devem ser oferecidos de forma sistematizada para garantir o desenvolvimento psicossocial e biológico harmonioso e ativar uma variedade de enzimas neurológicas que interferem no processo de aprendizagem.

Embora não se saiba ao certo quando foi diagnosticada a primeira criança com Síndrome de Down, é possível encontrar registros da condição em obras de arte que datam de muito antes da publicação do primeiro estudo. No entanto, foi somente em 1838 que Jean Esquirol documentou as características da deficiência, denominando-a "idiota furfurácea".

3. MUDANÇA DE POSTURA EM RELAÇÃO À SÍNDROME DE DOWN

Em termos de desenvolvimento intelectual, estudos direcionados por Lima (2016) mostram que pessoas com Síndrome de Down tendem a apresentar um aprendizado mais lento e dificuldades com raciocínio complexo e juízo crítico. Isso é avaliado através do Teste de Quociente de Inteligência (QI), no qual indivíduos com Síndrome de Down geralmente recebem um diagnóstico de deficiência mental moderada ou leve. No entanto, é importante ressaltar que, embora a síndrome afete o desenvolvimento cerebral, ela não impede que as crianças aprendam e se desenvolvam desde que recebam o estímulo adequado.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

PREPARANDO A TRAJETÓRIA DA INCLUSÃO ESCOLAR: RESTAURANDO O ENSINO-APRENDIZAGEM AOS ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN
Keila Cristina de Paiva Silva, Ludmilla Lamartine de Souza, Maria Andréia Gonçalves, Layla Daiane de Jesus Malheiros, Flávia Fabiane Fernandes Senário, Rodrigo Brito Sales, Telma Maria Pires

A escola deve proporcionar um ambiente acolhedor, com espaços adaptados para as atividades e professores qualificados para atender a diversidade de seus alunos. No entanto, as atividades lúdicas e brincadeiras devem ser pensadas e planejadas com intencionalidade, visando ao desenvolvimento de habilidades, a socialização e o estímulo do interesse dos alunos. A formação contínua e a busca por inovações são fatores essenciais para o aperfeiçoamento do fazer pedagógico, possibilitando uma educação mais efetiva e inclusiva para todos os estudantes, independentemente de suas singularidades e necessidades específicas.

Lima (2016) destaca que em relação à pesquisa acadêmica brasileira, analisamos dissertações e teses publicadas no período entre 2014 e 2018 na base de dados CAPES. Buscamos entender a abordagem das pesquisas sobre aprendizagem e Síndrome de Down, destacando subtemas relevantes na área da educação. Esses trabalhos podem contribuir para a formação de professores, orientando a prática pedagógica inclusiva e adequada para atender às necessidades dos alunos com Síndrome de Down.

De acordo com Souto *et al.*, (2024) a prática pedagógica é um processo de organização do aprendizado que garante conteúdos e atividades básicas para o desenvolvimento dos alunos. A elaboração de uma prática pedagógica tem a intencionalidade de atender às expectativas educacionais da sociedade. Entretanto, enfrenta o desafio de equilibrar a representatividade e o valor da educação em relação ao coletivo. É fundamental que professores planejem suas práticas de modo a atender às necessidades dos alunos e compreendam que cada um tem seu ritmo e particularidades no processo de aprendizagem, especialmente aqueles com necessidades cognitivas especiais.

Investimentos em recursos lúdico e pedagógicos podem auxiliar no processo de aprendizagem, tornando a experiência mais interessante e atrativa para os alunos. A escola pública precisa promover uma mudança e incentivar discussões voltadas para a efetivação de direitos para alunos que necessitam de apoio cognitivo especial.

Em relação às famílias, nota-se uma mudança de postura, pais demonstraram o desejo de ver seus filhos com Síndrome de Down inseridos na escola, favorecendo seu desenvolvimento social e intelectual.

É notório que algumas instituições de ensino básico não estão devidamente preparadas para atender às necessidades educacionais especiais de seus alunos. Os professores, embora demonstrem intenções de incluir crianças com necessidades especiais em suas turmas, geralmente não possuem a formação específica necessária para trabalhar com esses estudantes, o que pode dificultar seu desempenho e o aprendizado das crianças. Além disso, a falta de auxiliares de classe para auxiliar os professores em sala de aula acentua esse problema, gerando mais obstáculos no caminho do desenvolvimento acadêmico destes alunos.

Como apontam Lopes e Valdés (2003, p. 206), "Há uma necessidade veemente por parte dos professores em participar de um programa de capacitação para atuar junto com alunos deficientes. As escolas carecem de infraestrutura adequada, os materiais são escassos e não atendem a



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

PREPARANDO A TRAJETÓRIA DA INCLUSÃO ESCOLAR: RESTAURANDO O ENSINO-APRENDIZAGEM AOS ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN
Keila Cristina de Paiva Silva, Ludmilla Lamartine de Souza, Maria Andréia Gonçalves, Layla Daiane de Jesus Malheiros, Flávia Fabiane Fernandes Senário, Rodrigo Brito Sales, Telma Maria Pires

condição mínima." Essa realidade evidenciada em diversas instituições educacionais demonstra a necessidade de investimentos na formação contínua dos professores e na melhoria da infraestrutura escolar, para que os alunos com necessidades especiais possam contar com um ambiente adequado às suas necessidades e professores aptos a proporcionar o aprendizado efetivo desses estudantes. Lima (2016) destaca que algumas pessoas consideram a Síndrome de Down uma doença, mas ele esclarece que é uma alteração genética. A Síndrome de Down está associada a um atraso intelectual devido a uma malformação congênita, sendo bastante perceptível desde o nascimento. Quando se trata da aprendizagem de crianças com Síndrome de Down, muitos profissionais consideram que essas crianças podem ter dificuldades na memória auditiva e, por isso, buscam trabalhar a memória visual, que geralmente não é afetada, como uma forma de auxiliar a aprendizagem de maneira mais eficaz (Pacheco; Oliveira, 2011).

Assim, segundo Gadotti (1982), os principais desafios com os alunos com Síndrome de Down, estão relacionados aos atrasos no desenvolvimento da linguagem, motricidade e cognição, o que exige adaptação curricular e estratégias de ensino específicas, e diferentes dificuldades na aprendizagem, especialmente em áreas como leitura, escrita e matemática.

Assim sendo, cada indivíduo com Síndrome de Down é único e apresenta um perfil de desenvolvimento particular, o que demanda um planejamento individualizado e flexível.

Outro aspecto a observar é o preconceito e o estigma, pois, ainda é uma realidade para muitos alunos com Síndrome de Down, o que pode afetar sua autoestima e participação na escola.

Nesse sentido, de acordo com Souto *et al.*, (2024), a aprendizagem pode ocorrer em um ritmo mais lento, o que demanda práticas pedagógicas que estimulem a memória visual e estratégias que favoreçam o processo de ensino e aprendizagem. É essencial que o professor esteja constantemente buscando atividades que despertem o interesse e promovam a participação ativa dos alunos nesse processo. Contrariando a crença de que o desenvolvimento ocorre espontaneamente ao longo do tempo, tanto para crianças com deficiência quanto para aquelas sem, é necessário destacar que elas dependem das interações e experiências proporcionadas pelo meio sociais para seu desenvolvimento. Isso significa que ter as capacidades biológicas não é suficiente para realizar uma tarefa, se o indivíduo não estiver envolvido em ambientes e práticas que promovam essa aprendizagem (Vygotsky, 1997, citado por Pacheco; Oliveira, 2011). Franco (2016) destaca que as práticas pedagógicas contribuem para o ensino de conteúdos e atividades consideradas essenciais para a aprendizagem dos alunos.

Nesse sentido, a escola deve trabalhar recursos inovadores, com a inclusão de recursos como jogos, materiais visuais, atividades práticas e recursos tecnológicos facilitam o aprendizado e a participação dos alunos.

O professor deve fazer a criação de planos de aprendizagem individualizados, com objetivos e metas ajustados às necessidades de cada aluno, garante a progressão e o desenvolvimento individual e a escola ainda deve proporcionar o trabalho em equipe entre professores,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

PREPARANDO A TRAJETÓRIA DA INCLUSÃO ESCOLAR: RESTAURANDO O ENSINO-APRENDIZAGEM AOS ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN
Keila Cristina de Paiva Silva, Ludmilla Lamartine de Souza, Maria Andréia Gonçalves, Layla Daiane de Jesus Malheiros, Flávia Fabiane Fernandes Senário, Rodrigo Brito Sales, Telma Maria Pires

psicopedagogos, terapeutas e famílias são fundamentais para oferecer um ensino de qualidade e apoio constante.

De acordo com Souto *et al.*, (2024), a escola deve proporcionar uma Linguagem clara e acessível, com material adaptado, tecnologia assistiva, apoio pedagógico e psicológico, incentivo à socialização. De tal modo, deve usar uma linguagem simples, objetiva e visualmente rica facilita a compreensão.

Ainda necessita fazer a utilização de materiais didáticos adaptados, como imagens, gráficos e jogos, facilita o aprendizado e a interação, com recursos como *softwares* de leitura, tablets e ferramentas de comunicação aumentam a acessibilidade e a participação.

O suporte especializado de psicopedagogos e outros profissionais garantem o acompanhamento individualizado e a superação de desafios.

De acordo com Souto *et al.*, (2024), a inclusão em atividades sociais e a interação com outras crianças promovem o desenvolvimento da autoestima e das habilidades sociais.

Wuo (2006) menciona que é importante destacar que o ensino para alunos com SD não se trata de "ensinar menos", mas sim de "ensinar diferente". O foco deve estar no desenvolvimento das habilidades e potencialidades de cada aluno, considerando suas necessidades e estilo de aprendizagem.

4. MÉTODO

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, que busca uma aproximação com o fenômeno investigado dentro de uma realidade específica, com o objetivo de compreendê-lo melhor através de uma descrição detalhada e da interpretação de questões profundas. Segundo Minayo (2016), essa abordagem permite ao pesquisador ter uma visão mais clara das possíveis conclusões, a partir de um melhor entendimento das relações, processos e significados que tornam a realidade mais evidente. Quanto aos objetivos propostos, esta pesquisa é descritiva, pois permite um aprofundamento do tema, descrevendo detalhadamente a realidade estudada (Triviños, 1987). Conforme Gadotti (1988), o ato de ler é incompleto sem o ato de escrever. Um não pode existir sem o outro. À medida que aprendem a ler e escrever, esses alunos constroem suas experiências de aprendizagem e contribuem para sua história e papel na sociedade.

De acordo com Carvalho *et al.*, (2005), o lúdico-pedagógico melhora a estimulação do aluno com Síndrome de Down, aprimorando suas habilidades motoras através do uso de brinquedos variados. Dessa forma, o trabalho com atividades lúdico-pedagógicas auxilia no desenvolvimento cognitivo, na atenção e em outras habilidades dos alunos com necessidades especiais, sendo fundamental em sala de aula.

Como destacado por Reid (2002), o uso de ferramentas lúdico-pedagógicas aumenta o interesse e a motivação das crianças com deficiência nas atividades de reabilitação por meio de



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

PREPARANDO A TRAJETÓRIA DA INCLUSÃO ESCOLAR: RESTAURANDO O ENSINO-APRENDIZAGEM
AOS ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN
Keila Cristina de Paiva Silva, Ludmilla Lamartine de Souza, Maria Andréia Gonçalves, Layla Daiane de Jesus Malheiros,
Flávia Fabiane Fernandes Senário, Rodrigo Brito Sales, Telma Maria Pires

jogos. Portanto, integrar jogos, brincadeiras e brinquedos ao conteúdo didático torna o aprendizado mais descontraído e participativo para os alunos.

5. CONSIDERAÇÕES

A síndrome de Down é definida como uma condição genética que ocorre devido à presença de um cromossomo a mais, conhecido como trissomia do 21. As causas dessa condição estão relacionadas a uma não-disjunção durante a meiose, resultando na presença de um cromossomo extra no par 21. Este evento ocorre de forma aleatória e não está ligado a fatores hereditários. A Síndrome de Down (SD) é uma condição genética que afeta o desenvolvimento, mas não define o potencial individual de cada pessoa.

No contexto das deficiências, os educadores devem mudar a trajetória da Inclusão Escolar, restaurando o ensino-aprendizagem aos alunos com síndrome de Down. Em termos de atendimento e garantia de acesso efetivo à educação, esses alunos, apesar de suas limitações, devem ter a oportunidade de viver normalmente e participar ativamente da vida escolar e dos diversos contextos sociais. É importante ressaltar que a criança pode enfrentar desafios em seu desenvolvimento, mas, com estímulos adequados e atenção, ela pode alcançar todo o seu potencial. Por isso, é fundamental que tenham a oportunidade de frequentar a escola, onde podem desenvolver habilidades intelectuais importantes.

Com a pesquisa, percebemos que a prática pedagógica deve garantir que todos os alunos tenham acesso ao conteúdo, participando e compreendendo o que está sendo abordado, assim sendo, essas práticas podem ser adaptadas para atender às necessidades específicas de cada aluno. É importante reconhecer que os processos de aprendizagem dos alunos com necessidades especiais podem ser mais lentos, especialmente no desenvolvimento da leitura e escrita.

As características físicas associadas à síndrome de Down incluem olhos amendoados, prega palmar única e baixa estatura. Além disso, as pessoas com síndrome de Down podem apresentar dificuldades motoras e de saúde, como problemas cardíacos. Em relação às características cognitivas, é comum observar atraso no desenvolvimento intelectual, dificuldades de aprendizagem em algumas áreas e propensão a condições de saúde associadas, como a doença de Alzheimer em idades mais avançadas.

Essas considerações levam à reflexão sobre as diversas dificuldades que podem surgir no processo de aprendizagem e a importância de abordagens pedagógicas que considerem as necessidades específicas dos alunos. Em última análise, reconhecer e compreender a diversidade são fundamentais para promover uma sociedade inclusiva em todos os aspectos. Pensando nisso, o processo educacional, por meio da prática pedagógica, pode ser um elemento potencial na vida do aluno, contribuindo para sua participação efetiva na sociedade.

Nesse contexto, no estudo, as práticas lúdico-pedagógicas foram destacadas como promotoras de aprendizagem, estimulando o desenvolvimento cognitivo, a criatividade e a



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

PREPARANDO A TRAJETÓRIA DA INCLUSÃO ESCOLAR: RESTAURANDO O ENSINO-APRENDIZAGEM AOS ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN
Keila Cristina de Paiva Silva, Ludmilla Lamartine de Souza, Maria Andréia Gonçalves, Layla Daiane de Jesus Malheiros, Flávia Fabiane Fernandes Senário, Rodrigo Brito Sales, Telma Maria Pires

socialização, enfatizando que essas atividades são importantes para a construção da autoestima e o domínio de habilidades de alunos portadores de síndrome de Down. Além disso, percebemos que as atividades lúdico-pedagógicas também trabalham as habilidades socioemocionais dos alunos da Educação Inclusiva. No contexto educacional, é decisivo entender as características e necessidades específicas dos alunos com de síndrome de Down para oferecer um ensino-aprendizagem eficaz e inclusivo. É importante criar um ambiente escolar que valorize a independência e a autonomia dos alunos com SD, promovendo sua participação em atividades e tomada de decisões.

A inclusão escolar e a valorização da diversidade são decisivas para promover a igualdade de oportunidades e a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. A educação inclusiva para alunos com Síndrome de Down é um desafio constante, mas também uma oportunidade de construir um ambiente escolar que promova o aprendizado, a autonomia e o desenvolvimento de todo potencial de cada aluno.

REFERÊNCIAS

FONSECA, Vitor da. **Educação especial**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Rev. Bras. Estud.**, v. 97, n. 247, 2016.

GADOTTI, Moacir. O que ler? **Leitura: teoria e prática**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

LIMA, Cristina Dias Rocha. **Síndrome de Down e as práticas pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MARQUES, Nelzo Ronaldo de Paula Cabral et al. Compreendendo a Trissomia do Cromossomo 21: SÍNDROME DE DOWN. **BIUS-Boletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia**, v. 40, n. 34, p. 1-10, 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

PACHECO, Wellen dos Santos; OLIVEIRA, Marinalva Silva. Aprendizagem e desenvolvimento da criança com Síndrome de Down: representações sociais de mães e professoras. **Ciências e Cognição**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 1-15, dez. 2011.

SIEGFRIED PUESCHEL (ORG.). **Síndrome de Down: guia para pais e educadores**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus editora, 1995.

SOUTO, Deisiane Oliveira et al. Quais são as barreiras e facilitadores para a participação de pessoas com Síndrome de Down? Uma Revisão de Escopo. **Developmental Medicine & Child Neurology**, 2024.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

PREPARANDO A TRAJETÓRIA DA INCLUSÃO ESCOLAR: RESTAURANDO O ENSINO-APRENDIZAGEM
AOS ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN
Keila Cristina de Paiva Silva, Ludmilla Lamartine de Souza, Maria Andréia Gonçalves, Layla Daiane de Jesus Malheiros,
Flávia Fabiane Fernandes Senário, Rodrigo Brito Sales, Telma Maria Pires

WUO, Andréa Soares. A construção social da Síndrome de Down. **Cad. psicopedag.**, São Paulo, v. 6, n. 11, 2007.